
Preconceito e discriminação racial contra o negro, no Brasil, é assunto simultaneamente explosivo e polêmico. Estas páginas dedicadas ao sociólogo negro Eduardo de Oliveira e Oliveira constituem uma homenagem e uma análise dessa questão.

Homenagem a Eduardo de Oliveira e Oliveira

A morte de Eduardo de Oliveira e Oliveira, há poucos meses, devia impelir aqueles que se preocupam realmente com o problema do preconceito de cor no Brasil a um exame atento da questão. E talvez a melhor homenagem que poderíamos prestar à sua figura admirável de intelectual e batalhador fosse o desmascaramento sem tréguas das análises falsas e insinceras, que tanto o amarguravam e que, infelizmente, continuam dominando grande parte da reflexão sobre o negro.

Como ler, por exemplo, a mensagem patética que nos endereçou através da morte silenciosa, antecipada provavel-

mente pelo desespero e a solidão? O que estava querendo comunicar quando se fechou com discrição para morrer, sem a companhia de um amigo, mas protegido das ofensas, no espaço acanhado e acolhedor que soubera criar? Esta morte de quem afinal depunha as armas não era uma derrota. Devemos tomá-la como o último gesto de um lutador exausto, como o apelo derradeiro para que tentássemos olhar a realidade conforme ele sempre tinha feito: de frente e sem medo.

Somos na verdade sinceros quando nos batemos pelos nossos irmãos considerados de cor? Na teia intrincada que constitui o

preconceito entre nós, temos energia para deslindar o fio da meada e seguir sem subterfúgio o seu percurso? É certo que no nível consciente podemos tomar posição a favor dos negros, redigir a Lei Afonso Arinos e nos indignar com a iniquidade. Mas seremos capazes de caçar também, sem piedade, os motivos profundos que geram a nossa inércia e são responsáveis pela manutenção da injustiça? Por que não tentamos, em face do nosso comportamento racial, um exame de consciência em profundidade, corajoso como o que fazemos no gabinete do psicanalista? Agora que as nações africanas se impõem, que o Caribe se afirma e Cuba procura estabelecer a primeira democracia racial do mundo, é urgente que nós também façamos um esforço para assumir pelo menos o nosso inconsciente coletivo.

Começemos aos poucos, pelas tarefas menores como, por exemplo, desmistificar a velha racionalização de que o mestiço é invariavelmente o outro. Aí estão os retratos dos antepassados, o testemunho dos mais velhos, as narrativas ainda muito vivas do folclore de família sugerindo com bastante evidência que o mestiço pode ser cada um de nós. Diante dessas provas a nossa reação costuma ser ambígua e pode oscilar entre o impulso da verdade e o desconforto. Tentamos nos recompor. No tratamento das neuroses mais leves a psicanálise aconselha o recurso a uma terapia doméstica, em geral eficiente, como a conversa aberta com o amigo e o registro minucioso das reações que conseguem burlar a censura. Procuremos vencer a resistência e distinguir em nosso comportamento racial os motivos verdadeiros dos falsos, os atos falhos dos intencionais, os recalques das transferências. Só assim conseguiremos afastar a máscara do rosto e assumir integralmente uma história cultural que não comporta apenas os lances heróicos e oficiais do Abolicionismo, mas um sem-número de atos, gestos e sentimentos mesquinhos em relação aos irmãos de cor.

É possível que essa atitude nova nos conduza a uma revisão radical dos velhos lugares-comuns sobre os quais construímos a idéia de nacionalidade. Isto é, dentro da perspectiva do preconceito, qual a significação exata de nosso entusiasmo pelo carnaval, pela música popular, pelos passistas do morro, pela graça das mulatas e agilidade dos jogadores de futebol? Em todos esses casos estaremos reconhecendo a superioridade deles ou camuflando a in-

justiça e o nosso sentimento de culpa?

Apesar dos disfarces, temos consciência de que através dessa mitologia, de uso interno ou para exportação, a sociedade não está celebrando o negro, mas encurralando-o numa existência marginal, num reinado efêmero de fantasia — como aquele que Mário de Andrade vislumbrou nas Congadas. Pois a plenitude que alcança não se insere na duração permanente da sociedade. Realiza-se naquele espaço segregado do imaginário, que é o da festividade, da dança, do canto, do erotismo — e mesmo da arte — onde se junta aos demais boêmios da praça pública: funâmbulos, jograis, comedores de fogo e "femmes à barbe". E permanece, por conseguinte, cautelosamente afastado da disputa dos cargos e da distribuição das tarefas técnicas.

Eduardo de Oliveira e Oliveira percebeu logo, com mais acuidade que outros especialistas, o jogo dúbio de que era capaz o preconceito. Por isso rejeitou as dádivas faceis e exigiu. Passou a vida exigindo com orgulho, não para si, mas para sua causa. Queria para os irmãos de cor oportunidades iguais, critérios iguais de avaliação. Mais de uma vez confessou achar preferível a situação definida dos Estados Unidos à nossa guerrilha, intermitente, que nunca sabemos se nos irá atingir. Quando somos negros? Onde somos negros? Quem dentre nós é negro? Foi a dificuldade de ver atendidas todas essas indagações que o levou ao desespero. Era um homem inteligente, extraordinariamente sensível, culto, refinado. E no entanto, mais de uma vez foi, em seu País, ferido gravemente pelo preconceito. Não espanta que se sentisse mais a salvo no Exterior, ao lado dos amigos europeus que o admiravam. Entre nós viveu sempre dividido, não conseguindo no decorrer de uma vida atormentada encontrar a própria identidade.

Culpa dele ou nossa? É evidente que mais nossa que dele. Quando era muito jovem, iniciou-se na vida profissional como pianista. Talvez sua existência tivesse sido menos trágica se tivesse seguido a carreira de tantos outros mestiços de talento que se impuseram como pianeiros. A sociedade brasileira aceita bem o negro nessa encantadora mediania musical. Mas ainda contesta com vigor os que ousam voar mais alto e questionar as regras do jogo. Eduardo deu a vida em troca desse direito. Que seu sacrifício sirva de exemplo.

Uma carta de Eduardo

Eduardo de Oliveira e Oliveira, como observador e analista atento dos fatos que se passavam ao seu redor, principalmente quando envolviam problemas de discriminação racial, freqüentemente escrevia artigos ou cartas para os jornais. Transcrevemos aqui uma dessas cartas, publicada no "Jornal da Tarde", pág. 4, em 15 de maio de 1975. Ele começa citando trecho de carta de outro leitor, publicada anteriormente, e em seguida faz seu comentário, ao mesmo tempo irônico e amargo:

"(...) Agora um pormenor; o fator principal que deu ensejo ao episódio é de fácil explicação: as três pessoas que viajavam no veículo, incluindo a mim, eram 'cidadãos de cor' e, lamentavelmente, na mentalidade da maioria dos policiais, 'negros' em um automóvel, automaticamente O veículo tem que ser roubado (...)" (A. Amaral, Capital, JT de 2/5/75.)

Sr.: "Li a carta que um jovem bacharel negro mandou ao JT, comentando sua perseguição pela polícia por estar guiando um carro que, provavelmente, não condizia com sua cor. No dia 5 de maio, fomos ao Edifício Queen Mary, à rua Visconde de Ouro Preto, nº 51, onde devíamos ir ao apartamento n.º 101, quando fomos interpelados pelo porteiro, que exigiu que tomássemos o elevador de serviço. Alegamos que íamos na qualidade de visita, quando fomos informados pelo mesmo porteiro de que 'eles' tinham dado ordem de assim proceder. Isto é, negro pelos fundos. Calculamos que 'eles' devem ser a administradora.

No momento, subia no elevador uma senhora residente no prédio, que disse ser espanhola, que não só viu toda nossa argumentação como pareceu surpresa com o que via. Estávamos, ao que acreditamos, convenientemente apresentáveis. Vestíamos uma suéter Bremer, comprada em Londres; calças de gabardine e sapatos comprados em Nova York (em Barney's, que agora é muito in) e uma bolsa a tiracolo de Roger-Gallet, de Paris (diga-se, a propósito, que reputamos os produtos brasileiros de moda masculina não só de péssima qualidade como vulgares), e con-



Eduardo de Oliveira e Oliveira

venientemente barbeados. Enfim, um negro de alma branca!

Perguntamos: não seria melhor institucionalizar um tipo de roupa para negros que se destinam à porta da frente e outro tipo àqueles que se destinam à porta dos fundos? (Eu, por mim, entro por qualquer porta, mas não quero que me discriminem a priori.)

Estamos chegando dos Estados Unidos, onde fomos convidados, na qualidade de sociólogo, tendo circulado de Washington a Chicago, de São Francisco a Santa Fé; cruzamos o Estado de Mississippi, estivemos em Tennessee, Flórida, e coisa como esta jamais nos aconteceu. Nem agora nem em nenhuma das vezes em que lá estivemos anteriormente. As vezes que isto nos tem acontecido em São Paulo já passam da conta e paciência, e, se fazemos esta denúncia agora, é com o único propósito de colaborar com S. Exa. o presidente da República, que se tem mostrado empenhado em questionar este tipo de coisas." Eduardo de Oliveira e Oliveira, Capital.